

I

— Queres ler o que está escrito ao alto da partitura? — pediu a senhora.

— Moderato cantabile — disse a criança.

A senhora pontuou a resposta batendo com o lápis no teclado. A criança ficou imóvel, a cabeça voltada para a partitura.

— E o que quer dizer moderato cantabile?

— Não sei.

Uma mulher, sentada a três metros de distância, suspirou.

— Tens a certeza que não sabes o que quer dizer moderato cantabile? — insistiu a senhora.

A criança não respondeu. A senhora soltou um grito abafado de impotência, batendo de novo com o lápis no teclado. A criança não pestanejou. A senhora voltou-se.

— Madame Desbaresdes, que teimoso aqui tem — disse ela.

Anne Desbaresdes suspirou outra vez.

— A quem o diz — murmurou.

O pequeno, imóvel, olhos baixos, foi o único a notar que a tarde acabara de romper. Estremeceu.

— Disse-te da última vez, disse-te da penúltima vez, disse-te cem vezes. Tens a certeza que não sabes?

A criança achou melhor não responder. A senhora reavaliou de novo o objeto que tinha diante de si. A sua cólera cresceu.

— Voltamos ao mesmo — disse baixinho Anne Desbaresdes.

— A verdade — continuou a senhora —, a verdade é que não te apetece dizer.

Anne Desbaresdes observou também a criança dos pés à cabeça, mas com ar diferente do da senhora.

— Vais dizê-lo imediatamente — gritou a senhora.

A criança não manifestou qualquer surpresa. Continuou sem responder. Então, a senhora bateu uma terceira vez no teclado, mas com tanta força que o lápis se partiu. Mesmo ao lado das mãos da criança. Mãos mal desabrochadas, redondas, ainda leitosas. Fechadas sobre si nem sequer se moveram.

— É uma criança difícil — atreveu-se a dizer Anne Desbaresdes, não sem certa timidez.

A criança voltou a cabeça para aquela voz, para ela, rápido, o tempo de se assegurar da sua existência, depois retomou a posição de objeto face à partitura. As mãos permaneceram fechadas.

— Não quero saber se é uma criança difícil ou não, Madame Desbaresdes — disse a senhora. — Difícil ou não, tem de obedecer, doutra maneira...

No intervalo que se seguiu a esta frase, o barulho do mar entrou pela janela aberta. E com ele, atenuado, o da cidade no coração da tarde de primavera.

— Pela última vez. Tens a certeza que não sabes?

Um barco a motor passou na moldura da janela aberta. A criança, voltada para a partitura, mal se mexeu — só a mãe o soube — enquanto o barco lhe navegava pelo sangue. O ronronar abafado do motor ouviu-se em toda a cidade. Eram raras as embarcações de recreio. O cor-de-rosa da tarde moribunda incendiou o céu inteiro. Outras crianças, algures, nos cais, olhavam, paradas.

— Pela última vez, tens a certeza?

O barco continuava a passar.

A senhora espantou-se com tanta obstinação. A sua cólera abrandou e desesperou por contar tão pouco aos olhos da-

quela criança a quem, no entanto, poderia com um gesto obrigar a falar, de tal modo que a aridez do seu destino lhe surgiu de repente.

— Que ofício, que ofício, que ofício — gemeu ela.

Anne Desbaresdes continuou calada, mas inclinou um pouco a cabeça com ar de quem concorda.

O barco tinha acabado de atravessar a moldura da janela aberta. O barulho do mar cresceu, sem limites, no silêncio da criança.

— Moderato?

A criança abriu a mão, deixou-a descer e coçou ao de leve a barriga da perna. O gesto foi desenvolto e talvez a senhora o tenha considerado inocente.

— Não sei — disse ele, depois de se ter coçado.

As tintas do pôr do sol tornaram-se de repente tão gloriosas que os cabelos loiros da criança pareceram ter mudado de cor.

— É fácil — disse a senhora, um pouco mais calma.

Assoou-se demoradamente.

— Que criança eu arranjei — disse Anne Desbaresdes alegremente, apesar de tudo —, mas que criança eu arranjei... donde lhe virá a teimosia?...

A senhora achou por bem não prestar atenção a tanto orgulho.

— Quer dizer — repetiu ela, esmagada, à criança, pela centésima vez —, quer dizer moderado e cantante.

— Moderado e cantante — disse a criança, completamente nas nuvens.

A senhora voltou-se.

— Ah! garanto-lhe...

— Terrível — afirmou Anne Desbaresdes, rindo —; teimoso como uma cabra, terrível.

— Recomeça — disse a senhora.

A criança não recomeçou.

— Recomeça, disse eu.

A criança não se mexeu. No silêncio da sua obstinação, fez-se de novo ouvir o barulho do mar. Num último sobresalto, o cor-de-rosa do céu aumentou.

— Não quero aprender piano — disse a criança.

Na rua, lá em baixo, ressoou um grito de mulher. Um lamento longo, contínuo, elevou-se tão alto que o barulho do mar diminuiu.

Depois cessou de repente.

— O que foi? — gritou a criança.

— Aconteceu alguma coisa — disse a senhora.

O barulho do mar ressuscitou. O cor-de-rosa do céu, no entanto, começou a empalidecer.

— Não — disse Anne Desbaresdes —, não foi nada.

Levantou-se da cadeira e aproximou-se do piano.

— Que nervosismo — disse a senhora, fitando-os a ambos com ar reprovador.

Anne Desbaresdes pousou as mãos nos ombros da criança, apertou a ponto de a magoar, gritou quase.

— É preciso aprender piano, é preciso.

A criança tremeu também, pela mesma razão, por ter tido medo.

— Não gosto de piano — disse num murmúrio.

Outros gritos revezaram então o primeiro, dispersos, diferentes. Consagraram uma atualidade já ultrapassada, tranquilizadora daqui em diante. A lição continuava, entretanto.

— É preciso — insistiu Anne Desbaresdes —, é preciso.

A senhora abanou a cabeça, desaprovando tanta brandura. O crepúsculo começou a varrer o mar. E o céu, lentamente, empalideceu. Apenas o Oeste ficou ainda vermelho. Apagava-se.

— Porquê? — perguntou a criança.

— A música, meu amor...

A criança pensou, tentando compreender, não compreendeu mas concordou.

— Está bem. Mas quem gritou?

— Estou à espera — disse a senhora.

Começou a tocar. A música elevou-se acima do rumor da multidão que começava a juntar-se sob a janela, no cais.

— Afinal — disse alegremente Anne Desbaresdes —, afinal, está a ver.

— Bastava ele querer — disse a senhora.

A criança terminou a sonatina. De súbito, o rumor lá de baixo engolfou-se pela sala, imperioso.

— O que foi? — voltou a perguntar a criança.

— Recomeça — respondeu a senhora. — Não esqueças: moderato cantabile. Pensa nas canções que te cantam para adormeceres.

— Nunca lhe canto canções — disse Anne Desbaresdes.

— Esta noite vai-me pedir uma, e fá-lo-á com tanto jeito que não poderei recusar.

A senhora não quis ouvir. A criança recomeçou a tocar a sonatina de Diabelli.

— Clave de si bemol — disse a senhora muito alto —; geralmente esqueces-te.

Vozes precipitadas, de mulheres e de homens, cada vez mais numerosas, subiam do cais. Pareciam dizer todas a mesma coisa mas não se percebia. A sonatina continuava, impunemente, mas desta vez, a meio caminho, a senhora não aguentou mais.

— Para.

A criança parou. A senhora voltou-se para Anne Desbaresdes.

— Aconteceu qualquer coisa grave, com certeza.

Foram os três à janela. No lado esquerdo do cais, a uma vintena de metros do prédio, diante da porta dum café, formara-se um grupo. Pessoas chegavam, correndo, das ruas vizinhas e juntavam-se-lhe. Olhavam todas para o interior do café.

— Enfim — disse a senhora —, este bairro...

Voltou-se para a criança, agarrou-a pelo braço: